

Ceilândia só tem espaço para mais 20 mil casas

Ceilândia precisa, hoje, de 40 mil unidades habitacionais, mas a cidade só tem capacidade para construir mais 20 mil residências. Mesmo assim, esse potencial somente será explorado depois da liberação dos gabaritos para a construção de habitações coletivas. O projeto da Administração Regional pedindo alteração no número de pavimentos de quatro para seis ou oito andares já passou pelo Departamento de Urbanismo do GDF. "Estamos dependendo apenas do sinal verde da Caesb, que ainda não apresentou estudos técnicos sobre o assunto", explica o administrador da satélite, Paulo Alceu. A proposta imediatista de transformar os mil 400 becos existentes em cada quadra em dois mil 800 lotes de 250 metros quadrados cada, é apenas um paliativo para o problemas, segundo Paulo Alceu.

Sem recursos para urbanizar esses becos, a Administração argumenta que é melhor transformá-los em lotes, evitando que continuem a servir de depósito de lixo para os moradores das proximidades e de ponto de encontro para venda e uso de drogas. Mas tudo isso depende ainda da aprovação da Câmara Legislativa, e de critérios a ser definidos

pelo próximo governo. O que se sabe de antemão é que a Shis ficará encarregada de conduzir o processo de venda desses "lotes". Paulo Alceu acha que pela localização dos mesmos eles não deverão se destinar à população de baixa renda, nem ser negociados através de licitação.

A administração da cidade-satélite afirma ter realizado uma pesquisa entre os moradores e mais de 70 por cento defende a transformação dos becos em lotes residenciais. "A comunidade ainda não tem consciência da importância desses espaços. Só daqui há alguns anos é que se lembrarão com saudades dos becos", diz. Essa também é a posição daqueles que se colocam frontalmente contra o loteamento das áreas, teoricamente destinados ao lazer, como a Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia Norte, o Projeto Criança e a Ação Cristã Pró-Crente.

Com mais de 600 mil habitantes e um crescimento apenas horizontal esta satélite tem de reservar quatro áreas de 125 mil metros quadrados cada uma, nas QNM e QNN 11 e 12. Cada quadra possui dezenas de lotes reservados à construção de prédios,

boa parte deles já licitados. "As construtoras só está esperando a aprovação do projeto novo, que prevê edificações de até oito andares, caso contrário estarão desperdiçando espaço", na visão de Paulo Alceu. Mesmo assim, metade desses 40 mil que ainda não têm sua própria moradia terá de buscar outros lugares para morar.

"A cidade já esgotou suas possibilidades de expansão", explica o administrador. A opção é transferir todo esse contingente para novas áreas de assentamento. O problema agora — segundo ele — é do GDF e cabe ao próximo ocupante do Palácio do Buriti resolver a questão. "Essas 20 mil famílias poderão ser instaladas, por exemplo, no triângulo existente entre o Catetinho, Gama e Valparaíso. Ali tem espaço para construir até 80 mil moradias para as classes média e baixa. O GDF já fez um estudo nesse sentido".

Paulo Alceu colocou essa sugestão também para tranquilizar os donos de chácaras situadas nas proximidades de Ceilândia, que viram a possibilidade de terem seus terrenos desapropriados para construção de habitações populares. Essa alternativa foi descartada.